

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALEXANDER KLUGE – POR UM CINEMA IMPURO
20 de Julho de 2021

BRUTALITÄT IN STEIN / 1961
(“Brutalidade em Pedra”)

Um filme de Alexander Kluge e Peter Schamoni

Realização e Argumento: Alexander Kluge e Peter Schamoni / Fotografia: Wolf Wirth / Música: Hans Posegga / Montagem: Heidi Genée e Ursel Werthner / Narradores: Hans Clarin e Christian Marschall.

Produção: Alexander Kluge, Peter Schamoni e Dieter Lemmel / Cópia: digital, preto e branco, falada em alemão com legendagem electrónica em português / Duração: 12 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

DER 30. APRIL 1945: DER TAG AN DEM HITLER SICH ERSCHOSS / 2013
(“30 de Abril de 1945: o Dia em que Hitler se Suicidou”)

Um filme de Alexander Kluge

Realização e Argumento: Alexander Kluge

Cópia: digital, colorida, falada em alemão com legendagem electrónica em português / Duração: 90 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

ICH WAR HITLERS BODYGUARD / 2015
(“Eu Fui Guarda-Costas de Hitler”)

Um filme de Alexander Kluge

Realização e Argumento: Alexander Kluge / Interpretação: Peter Berling (Manfred Pichota).

Cópia: digital, colorida, falada em alemão com legendagem electrónica em português / Duração: 24 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

IN DER WALPURGISNACHT VOM 30. APRIL ZUM 1. MAI 1945 TRIPTYCHON
(“Na Noite de Santa Valburga, de 30 de Abril a 1 de Maio de 1945, Tríptico”)

Um filme de Alexander Kluge

Realização e Argumento: Alexander Kluge

Cópia: digital, colorida, sem diálogos / Duração: 5 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Quatro filmes que, de certa forma mais literal ou mais figurada, trabalham as ruínas do mais determinante acontecimento, e da mais determinante personalidade, do século XX alemão: o III Reich e Adolf Hitler.

O primeiro, **Brutalität in Stein**, é uma pequena obra prima e símbolo de um momento histórico. É o primeiro filme de Alexander Kluge, que tinha então 29 anos, e o filme que, a partir da sua exibição no festival de Oberhausen de 1961, simbolizou a chegada ao cinema alemão ocidental de uma nova geração, apostada em enfrentar de caras o legado histórico do país – chegada depois “formalizada” pelo famoso Manifesto de Oberhausen, publicado em 1962, de que Kluge, que Peter Schamoni (1934-2011), que Dieter Lemmel (produtor do filme) foram signatários. **Brutalität in Stein** vai a Nuremberga, às instalações, entretanto (16 anos depois do fim da II Guerra) deixadas ao abandono, de onde Hitler variadas vezes se dirigiu às multidões (e este filme é, evidentemente, um objecto ideal para emparceirar/confrontar o **Triumph des Willens** de Riefenstahl). Planos, extraordinária e rigorosamente enquadrados, de toda aquela “pedra”, que deixou inscritas as marcas da “brutalidade” que lhe subjaz – como diz a voz “off”, toda a construção, mesmo que depois sirva eventualmente outros propósitos, conserva as ideias de quem o construiu. Justapõe-se o som de alocações hitlerianas às bancadas e palanques, agora vazios, e o som das palavras do “führer”, assim como o clamor da multidão, são agora fantasmas a assombrar espaços abandonados. Evoca-se, pegando em palavras de Hitler (“esta revolução não é para destruir, é para construir”, resumindo simplifadamente), os esboços, maquetes e projectos da futura nova capital do Reich, a “Germania” que tomaria onomástica e geograficamente o lugar de Berlim e exprimiria o predomínio da cultura germânica sobre a Europa. Movimentos de câmara através dos corredores e colunas de Nuremberga, na que é a mais notável operação de sugestão de Kluge e Schamoni, associam-se no espírito do espectador (e com o apoio do relato em “off” da chegada de deportados aos campos nazis) a uma prefiguração de Auschwitz e outras fábricas de morte: naquela corredor, naquela porta aonde o corredor vai dar, “vemos” a entrada para um forno crematório, “vemos” a natureza assassina do III Reich – vemos, em suma, “as ideias de quem construiu”. Filme extraordinário.

Os dois seguintes são filmes bastante geminados. Tratam, o primeiro, do dia em que Hitler se suicidou, 30 de Abril de 1945, e de toda a especulação em redor do seu destino (especulação que, como sabemos, continua bem viva mesmo se a abertura dos arquivos soviéticos trouxe provas ainda mais concludentes de que Hitler morreu mesmo no seu bunker, naquele dia). Com imagens de arquivo e muitos depoimentos (entre os deponentes, Bruno Ganz, que poucos anos antes encarnara o Hitler dos últimos dias em **Der Untergang** de Oliver Hirschbiegel), Kluge explora aquele dia e as suas consequências, os seus detalhes e os seus mistérios, com um alcance que vai muito para além do espaço do bunker e das suas imediação. De resto, a investigação de Kluge foi tão profunda que deu um livro, publicado pouco tempo depois, com exactamente o mesmo título do filme, e cerca de trezentas páginas. **Ich War Hitlers Bodyguard** encena uma conversa, em registo de “falso documentário”, com um guarda-costas de Hitler, Manfred Pichota (interpretado pelo actor Peter Berling).

Finalmente, o derradeiro filme da sessão, se não afasta desta temática, propõe uma aproximação bastante diferente, puramente visual ou quase. Sem nenhuma narração “off” ou diálogo, parte da associação entre o dia da morte de Hitler, esse 30 de Abril de 1945, e a festa tradicional da “Walpurgisnacht”, a “noite de Santa Valburga” (que na tradição germânica é uma espécie de “noite das bruxas”), para um pequeno caleidoscópio onde efeitos visuais – arcaicos, quase amadorísticos, efeitos criados em computador, como os de um “screen saver” - “enquadram” representações de “bruxas” e dos seus martírios ao longo dos séculos (e não falta uma alusão à Joana d'Arc de Dreyer), entrecortadas por imagens directamente alusivas à II Guerra (soldados, maquinaria de guerra) e ao próprio Hitler. Uma ilustração, quase lúdica, do interesse de Kluge, que ele tantas vezes desenvolveu, em “remontar”, “remixar”, “violentar”, as imagens da História (aspecto, aliás, que o deixa muito perto de uma vizinhança com Godard).

Luís Miguel Oliveira